
Capitalismo e Utopia Revolucionária: uma análise a partir dos cartazes de maio de 68¹

Maria Júlia ALENCASTRO VEIGA²
Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

RESUMO

O ano de 1968 foi paradigmático para a modernidade, a partir das manifestações estudantis e operárias que ocorreram na França nasce uma mítica acerca das revoluções, tratada por alguns pesquisadores como uma das maiores utopias do século XX. Dessa forma, o presente artigo se propõe a fazer uma análise, fundamentada em conceitos marxistas, de alguns dos cartazes mais famosos do maio de 68 francês para pensarmos as contradições deste momento histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação de Consumo; Capital; Maio de 68; Análise de Cartazes

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Sejamos realistas, peçamos o impossível”
(Frase escrita nas ruas de Paris em 1968, autor desconhecido)

O ano de 1968 é conhecido como “o ano que não terminou” pois foi efervescente para a história das revoluções, em boa parte do planeta alguma coisa estava acontecendo. Na Tchecoslováquia tivemos a Primavera de Praga. Nos Estados Unidos Martin Luther King e Robert F. Kennedy foram assassinados, a Guerra do Vietnã se intensifica e com ela os clamores por paz da juventude norte americana. No Brasil é decretado um dos mais duros atos institucionais: o AI 5, e o movimento estudantil por aqui promoveu a passeata dos 100 mil. Na França tivemos o maio de 68, as barricadas estudantis e a greve proletária, e é neste último evento que o presente artigo se concentra.

O maio de 68 francês é um movimento permeado de contradições, em que estudantes, em grande parte filhos da classe média em um momento de crescimento econômico se juntam ao proletariado para sonhar uma nova ordem econômica. Os

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, políticas do corpo e interseccionalidades, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharela em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Mestra e Doutoranda em comunicação e práticas de consumo pela ESPM-SP, com bolsa CAPES Prosup Integral, e-mail: majuveiga@protonmail.com

estudantes em grande parte tinham pautas difusas e contra o sistema, definido como uma das maiores utopias do século XX.

O termo utopia aparece pela primeira vez no livro de Thomas Morus que descreve uma ilha imaginária extremamente organizada, onde os hábitos, as leis, a ocupação do espaço geográfico, as vestimentas, as instituições e a divisão dos alimentos são igualitárias. Todos os cidadãos lá possuem os mesmos direitos e deveres, sendo a agricultura um dever imposto a todos. Na ilha não existe a ideia de propriedade individual. Os habitantes utilizam o princípio da posse comum. A ilha de Utopia seria um lugar ideal porque não há em nenhuma outra parte república mais feliz (MORUS 2017).

Os estudantes confabulam uma nova realidade utópica. Matos (2018) descreve o movimento como:

“O maio francês foi uma luta contra ser governado por leis científicas, pelas leis da economia ou por imperativos técnicos; foi contra a ideia de progresso tecnológico cego: “Recusemos categoricamente a ideologia do Rendimento e do Progresso ou das pseudo forças do mesmo nome. Recusemos as ciladas do luxo e do necessário - estas necessidades estereotipadas impostas a todos para que cada trabalhador trabalhe em nome das leis naturais da economia [...]. O progresso será o que quisermos que ele seja”. No que se refere ao trabalho, com a autogestão, o mês de maio expressava de maneira imediata os desejos dos trabalhadores qualificados, aptos a dirigir as empresas em que trabalhavam: “trabalhadores de todas as profissões, não nos deixemos enganar. Não vamos confundir técnica do trabalho e divisão hierarquizada das autoridades e dos poderes. A primeira é necessária, a segunda supérflua e deve ser substituída por uma troca igualitária de nossa força de trabalho e de nossos serviços no interior de uma sociedade liberada”. Ao colocar em primeiro plano a questão do trabalho, os estudantes não recusavam o mundo intelectual, no qual a Escola e a universidade os formavam, mas o determinismo tecnológico, tão indepentizado quantos os mecanismos econômicos e de mercado que, assim naturalizados, adquirem força própria, imunes à crítica e ao controle político. Lógica da reificação instrumental, os processos autonomizados e sem sujeito confiscam o pensamento. Por isso, lia-se em um grafite: “a obediência começa pela consciência e a consciência pela desobediência”. Neste sentido, o 68 estudantil foi uma luta contra a adaptação tecnocrática à sociedade. Queriam modificar esse sistema ao invés de fazê-lo funcionar. Grafites, panfletos, palavras de ordem marcaram seu caráter inédito, o de uma tomada poética da cidade e da palavra” (MATOS, 2018, p. 265-266)

O panorama fornecido por Matos é imprescindível para compreendermos as motivações dos estudantes e seus clamores por revolução. A autora destaca o determinismo tecnológico e lógicas mercantis como os grandes inimigos dos estudantes.

Imagem 1: Primeiro cartaz



Fonte: MORIN, et al., 2018

O primeiro cartaz apresentado exemplifica bem o espírito utópico de 68. Um rosto que chora e manchado de sangue acompanha as palavras se submeter ou resistir e vencer, vencer aparece em letras garrafais, também de vermelho. Dentro do universo utópico dos estudantes essas parecem ser as únicas opções. Para entendermos melhor esse universo, propomos uma análise a partir de conceitos marxistas de alguns dos cartazes mais famosos produzidos pelos estudantes e colados nas ruas de Paris.

A exploração operária e a sociedade de consumo

“A mercadoria, nós a queimaremos”
(Frase escrita nas ruas de Paris em 1968, autor desconhecido)

Marx inicia “O Capital” falando da mercadoria, distinguindo valor de uso de valor de troca. O valor de uso só se realizaria através do uso ou do consumo, o valor de uso formaria o conteúdo material da riqueza. O valor de troca exprimiria uma igualdade entre as mercadorias. A substância do valor é o trabalho e a grandeza do valor é a duração do trabalho. A mercadoria tem como premissa básica a transferência para outrem, para um produto ser mercadoria ele tem que ter um valor de uso para outros e ser obtido por meio da troca. O trabalho seria um dispêndio na medida em que desperdiça força humana, e seria através dessa abordagem, que encara em certa medida todo trabalho como igual, que pode se constituir o valor das mercadorias. A mercadoria tem que ter uma utilidade para poder ter um valor, o trabalho também tem que ter uma utilidade para poder ter um valor e ser assim considerado como dispêndio de força. O caráter igualitário dos trabalhos humanos tem a forma de valor do produto do próprio trabalho. As relações entre os

produtores desse trabalho adquirem uma forma, a forma adquirida é a de uma relação social dos produtos do trabalho. Para Marx as trocas entre produtos completamente diferentes podem ser efetuadas, pois todas as mercadorias possuem um valor do qual o valor de troca é um mero reflexo. Sendo que um produto só teria valor, pois nele está embutido trabalho humano abstrato. Por meio da troca, os produtos do trabalho obtêm valor, através de uma existência social homogênea. Essa mistura do produto do trabalho em objeto útil e objeto de valor modificam a produção dos produtos visando o momento da troca. Os trabalhos úteis devem, dessa forma, satisfazer as necessidades sociais para conseguir se integrar ao trabalho global (sistema de divisão social do trabalho). A mercadoria tem valor de uso interessante ao homem, mas não é intrínseca nela esse valor de uso. A mercadoria só se relaciona com outras mercadorias enquanto valor de troca. A exploração do trabalhador está expressa na mercadoria, ela é a unidade elementar da sociedade capitalista. (MARX, 2017).

Imagem 2: Segundo cartaz



Fonte: MORIN, et al., 2018

O maio de 68 francês teve interpolações entre os estudantes e os operários, além das barricadas estudantis estava acontecendo uma grande greve operária. No segundo cartaz percebemos uma influência muito forte do conceito de mais valia marxista. A conjugação em francês do verbo participar: eu participo, tu participas, eles participam, nós participamos, vós participais, aparece ao lado de ilustrações de operários trabalhando e curvados em uma posição desconfortável de aparente submissão e com os corpos voltados para as frases, reforçando sua conexão com as mesmas e consequentemente com

o significado de participação. Em contraposição, o último enunciado é: eles lucram. Na conjugação da última pessoa “eles” o verbo é modificado de participar para lucrar e a ilustração é de um corpo em repouso sentado e fumando um charuto, voltado para longe do enunciado, em uma posição diferente dos demais, reforçando sua desconexão com os outros e com as atividades exercidas pelos outros corpos apresentados nas ilustrações. O pronome “eles” é usado com recorrência para designar *outsiders* de determinado grupo social, “nós” formam uma comunidade, “eles” demarcam o limite deste grupo. A partir dos desenhos e enunciados percebemos uma clara distinção entre classes. A detenção dos meios de produção é o que define uma classe, os detentores dos meios de produção seriam os burgueses, são “eles”. Para Marx o trabalho é produzido por relações desiguais, a partir da detenção dos meios de produção pelos burgueses, haveria a exploração do proletariado.

O trabalhador labora sob o controle do capitalista, a quem pertence seu trabalho. O capitalista cuida para que o trabalho seja realizado corretamente e que os meios de produção sejam utilizados de modo apropriado, a fim de que a matéria-prima não seja desperdiçada e o meio de trabalho seja conservado, isto é, destruído apenas na medida necessária à consecução do trabalho. Em segundo lugar, porém, o produto é propriedade do capitalista, não do produtor direto, do trabalhador. O capitalista paga, por exemplo, o valor da força de trabalho por um dia. Portanto, sua utilização, como a de qualquer outra mercadoria – por exemplo, um cavalo – que ele aluga por um dia, pertence-lhe por esse dia. Ao comprador da mercadoria pertence o uso da mercadoria, e o possuidor da força de trabalho, ao ceder seu trabalho, cede, na verdade, apenas o valor de uso por ele vendido. A partir do momento em que ele entra na oficina do capitalista, o valor de uso de sua força de trabalho, portanto, seu uso, o trabalho, pertence ao capitalista. Mediante a compra da força de trabalho, o capitalista incorpora o próprio trabalho, como fermento vivo, aos elementos mortos que constituem o produto e lhe pertencem igualmente. De seu ponto de vista, o processo de trabalho não é mais do que o consumo da mercadoria por ele comprada, a força de trabalho, que, no entanto, ele só pode consumir desde que lhe acrescente os meios de produção. O processo de trabalho se realiza entre coisas que o capitalista comprou, entre coisas que lhe pertencem. Assim, o produto desse processo lhe pertence tanto quanto o produto do processo de fermentação em sua adega. (MARX, 2017 p.193)

Para Marx a mola propulsora da história é o conflito, a luta de classes. A partir da detenção dos meios de produção a burguesia explora o proletariado, se apropriando do trabalho alheio e lucrando com a mais-valia ou mais-valor. A mais valia é a geradora de lucro e o lucro garante a manutenção dos meios de produção nas mãos da burguesia.

Um dono de uma fábrica de sapatos detém o maquinário e a matéria prima para a confecção de sapatos, ele compra o tempo do trabalhador e vende o produto de seu trabalho, por um preço maior obtendo assim lucro.

O capitalista comprou a força de trabalho por seu valor diário. A ele pertence seu valor de uso durante uma jornada de trabalho. Ele adquiriu, assim, o direito de

fazer o trabalhador trabalhar para ele durante um dia. Mas o que é uma jornada de trabalho? Em todo caso, menos que um dia natural de vida. Quanto menos? O capitalista tem sua própria concepção sobre essa *ultima thule*, o limite necessário da jornada de trabalho. Como capitalista, ele é apenas capital personificado. Sua alma é a alma do capital. Mas o capital tem um único impulso vital, o impulso de se autovalorizar, de criar mais-valor, de absorver, com sua parte constante, que são os meios de produção, a maior quantidade possível de mais trabalho. O capital é trabalho morto, que, como um vampiro, vive apenas da sucção de trabalho vivo, e vive tanto mais quanto mais trabalho vivo suga. O tempo durante o qual o trabalhador trabalha é o tempo durante o qual o capitalista consome a força de trabalho que comprou do trabalhador. Se este consome seu tempo disponível para si mesmo, ele furta o capitalista. (MARX, 2017, p.222)

É a partir da exploração do proletariado que o lucro capitalista é obtido. A produção capitalista é a produção de mais-valia, a mais-valia é o valor produzido pelo trabalho não remunerado do proletário. Para Marx o capital é um vampiro sugando trabalho, sugando o tempo de vida dos trabalhadores, percebemos no cartaz uma consonância com os conceitos marxistas.

Imagem 3: Terceiro Cartaz



Fonte: MORIN, et al., 2018

Percebemos no terceiro cartaz uma representação brutal da luta de classes. Uma multidão de pessoas está sendo engolida por engrenagens que as mói e descarta como lixo para sair uma única pessoa em um cálice denominado elite. No terceiro cartaz também percebemos uma distinção entre “nós” e “eles”, com os enunciados: “nós participamos” e “eles selecionam”.

Tendo como base a luta de classes, a exploração proletária e a crítica estudantil ao determinismo tecnológico, analisaremos o próximo cartaz.

Imagem 4: quarto Cartaz



Fonte: MORIN, et al., 2018

Percebemos no terceiro e no quarto cartaz uma representação de máquinas. No terceiro engrenagens moem indivíduos as descartando no lixo e no quarto temos uma ilustração de engrenagens acompanhadas da frase: “Vamos quebrar as velhas engrenagens”. A revolução industrial foi um momento decisivo para a modernidade e a edificação do sistema capitalista. As fábricas e as máquinas que automatizam parte do processo de manufatura surgem aqui como ícones do capitalismo, por isso se repetem nos cartazes, o maquinário e a fábrica também são propriedades dos burgueses, são os meios de produção. A chamada do cartaz é incisiva “Vamos quebrar as velhas engrenagens”, as engrenagens são uma analogia para o sistema capitalista, o velho sistema que precisa ser quebrado para o nascimento da utopia revolucionária. Berman (2008) é um leitor ávido de Marx e define a modernidade como “tudo que é sólido desmancha no ar”, o autor sublinha um trecho importante da obra marxista para entendermos o entrelaçamento entre maquinário e capitalismo.

“A burguesia, em seu reinado de apenas um século, gerou um poder de produção mais massivo e colossal do que todas as gerações anteriores reunidas. Submissão das forças da natureza ao homem, maquinado, aplicação da química à agricultura e à indústria, navegação a vapor, ferrovias, telegrafia elétrica, esvaziamento de continentes inteiros para o cultivo, canalização de rios, populações inteiras expulsas de seu habitat — que século, antes, pôde sequer sonhar que esse poder produtivo dormia no seio do trabalho social” (MARX *apud* BERMAN 2008, p. 90)

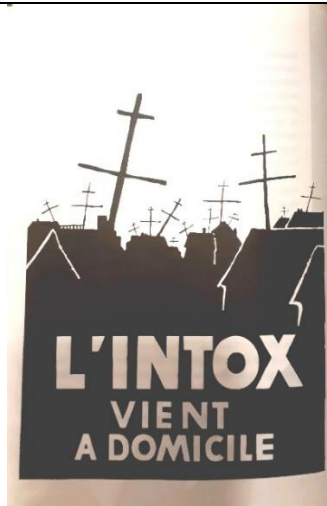
Marx divide a estrutura da sociedade em dois: a infraestrutura e a superestrutura, a infraestrutura seriam as relações de produção, as bases econômicas e materiais, a superestrutura é a cultura formada a partir das bases econômicas infraestruturais, religião, arte, escola, ideologia seriam parte da superestrutura. A sociedade de espetáculo nasce a partir do sistema capitalista. Guy Debord é um pensador importante para a maio de 68, é parte do movimento situacionista que apoiou as manifestações. Em confluência com o pensamento marxista, para Debord (1997) “O espetáculo é o capital a um tal grau de acumulação que se toma imagem” p. 34.

O espetáculo na sociedade corresponde a um fabrico concreto de alienação. A expansão econômica é principalmente a expansão desta produção industrial precisa. O que cresce com a economia, movendo-se para si própria, não pode ser senão a alienação que estava justamente no seu núcleo original. (DEBORD 1997, p. 32)

Os estudantes de forma ambígua, pois usam recursos estéticos criados pela indústria cultural, criam imagens criticando a sociedade de espetáculo. No quinto cartaz percebemos uma crítica mordaz a sociedade de espetáculo, o enunciado “A intoxicação vem em domicílio” acompanha uma imagem de telhados de casas e suas antenas que parecem cruzeiros em túmulos de um cemitério. Para Debord (1997) a sociedade de espetáculo equivale ao momento em que a mercadoria consegue ocupar totalmente a vida social, somente a relação com a mercadoria seria visível, “o mundo que se vê é o seu mundo” p. 41. Os autores do cartaz parecem estar em confluência com o pensamento de Debord e tratam a televisão como intoxicação, como um agente do capitalismo, que promove alienação, permitindo a manutenção do sistema capitalista e da luta de classes.

A consciência do desejo e o desejo da consciência são idênticamente este projeto que, sob a sua forma negativa, quer a abolição das classes, isto é, a posse direta pelos trabalhadores de todos os momentos da sua atividade. O seu contrário é a sociedade do espetáculo onde a mercadoria se contempla a si mesma num mundo que ela criou. (DEBORD, 1997, p. 53)

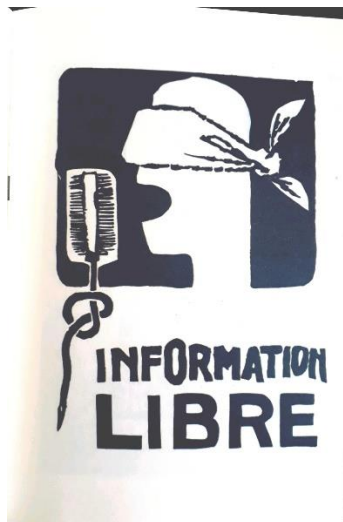
Imagem 5: Quinto Cartaz



Fonte: MORIN, et al., 2018

O quinto cartaz também apresenta uma crítica aos meios de comunicação, com uma imagem de uma pessoa com olhos vendados falando em um microfone acompanhados do enunciado “Informação livre”.

Imagem 6: Sexto Cartaz



Fonte: MORIN, et al., 2018

Novamente percebemos uma correlação entre os meios de comunicação e a alienação, mas de forma diferente do quarto cartaz, o quinto parece apontar para uma ação, oferece uma solução. Os meios de comunicação estariam dominados por pessoas cegas, que falam sem ver, mas haveria uma conduta para a ação: a informação livre.

Uma das obras mais lidas de Marx é “O manifesto comunista”, sua obra mais acessível, pois foi concebida como um panfleto político, o livro quer conceber um programa para a revolução. É do manifesto comunista a chamada: “Proletários de todos os países, uni-vos!” (MARX, ENGELS, 2010, p. 69).

No Manifesto comunista Marx e Engels delimitam um plano de ação para o proletariado. Na página 58, por exemplo, os autores fornecem 10 medidas para alcançar o comunismo, são elas:

“1. Expropriação da propriedade fundiária e emprego da renda da Terra para despesas do estado. 2. Imposto fortemente progressivo. 3. Abolição do direito de herança 4. Confisco da propriedade de todos os emigrados e rebeldes. 5. Centralização do crédito nas mãos do estado por meio de um banco nacional com capital do estado e com o monopólio exclusivo. 6. Centralização de todos os meios de comunicação e transporte nas mãos do Estado. 7. Multiplicação das fábricas nacionais e dos instrumentos de produção, arroteamento das terras incultas e melhoramento das terras cultivadas, segundo um plano geral. 8. Unificação do trabalho obrigatório para todos, organização de exércitos industriais, particularmente para a agricultura. 9. Unificação dos trabalhos agrícola e industrial; abolição gradual da distinção entre a cidade e o campo por meio de uma distribuição mais igualitária da população pelo país. 10. educação pública e gratuita a todas as crianças; abolição do trabalho das crianças nas fábricas, tal como é praticado hoje. Combinação da educação com a produção material etc.” (MARX, ENGELS 2010, p. 58)

Imagem 7: Sétimo Cartaz



Fonte: MORIN, et al., 2018

No sétimo cartaz percebemos uma influência forte do Manifesto Comunista, o enunciado “Três continentes, um mesmo inimigo, um único combate, um mundo novo!!!”. Acompanha uma ilustração de três corpos, dois brancos e um negro, empunhando juntos uma arma. Em cada corpo se lê o nome dos continentes: Ásia, África e América Latina. No canto inferior direito do cartaz se lê: Tricontinental Sorbonne.

Curiosamente neste cartaz não temos nem sinal da Europa, seu lugar originário e berço da Sorbonne.

Sobre o movimento estudantil Ridenti (2002) afirma: “Naquele momento tratava-se mais de negar os valores e a ordem estabelecidas do que de propor qualquer alternativa concreta” (p. 145). Por mais que os estudantes estivessem bem-intencionados em seu clamado por uma nova ordem mundial mais igualitária, o movimento é permeado por contradições. Por meio da análise de alguns de seus cartazes, buscamos lançar luz acerca destas contradições.

Considerações Finais

“A imaginação no Poder”.

(Frase escrita nas ruas de Paris em 1968, autor desconhecido)

Imagem 8: Oitavo Cartaz



Fonte: MORIN, et al., 2018

Encerramos o presente artigo com um dos cartazes mais emblemáticos, a ilustração de uma pessoa atirando um objeto em direção ao leitor acompanha a frase “A beleza está nas ruas”. A cidade e a rua são frutos do sistema capitalista, os processos de intensificação da urbanização se dão a partir da revolução industrial, mas também são o lugar do povo. Para Simmel “As grandes cidades sempre foram o lugar da economia monetária, porque a multiplicidade e concentração da troca econômica dão ao meio de troca uma importância que não existiria na escassez da troca no campo.” (2005, p. 578). Simmel investiga a relação das grandes metrópoles com a saúde mental e postula que a cidade grande intensifica a vida nervosa. Sim, a cidade é fruto do capitalismo, mas também é o lugar do povo, das massas, ricos e pobres, burgueses e proletários se

encontram pelas ruas. O cartaz evoca ao mesmo tempo essas duas dimensões e a ambiguidade do maio de 68. Sobre o movimento Morin, afirma:

“Estamos, hoje, numa época de reinterrogação profunda, e também devemos reinterrogar Maio, mas sem destruir sua complexidade. Mantenho a ideia de nosso título, A brecha. Maio foi uma brecha numa linha d’água cultural, e, a esse respeito diria que seus efeitos são essencialmente efeitos de brecha e de subsolo. Tudo continua, porém nada é mais exatamente como antes. É este o problema também. Tudo mudou e nada mudou. O que mudou? Não apenas a diáspora de certas ideias de Maio que entraram na cultura, mudanças imperceptíveis nas relações homem-mulher ou nas relações com a natureza trazidas pela difusão do ecologismo. A nuvem radioativa das ideias de Maio (perdoem essa metáfora contemporânea) se desintegrou sem deixar de impregnar um pouco todas as coisas. Depois de Maio de 68, os tabus recuaram” (MORIN 2018, p.226)

O maio de 68 foi um movimento ambíguo em que os filhos da burguesia se juntam aos proletários para sonhar uma nova sociedade, as manifestações cessaram sem atingir nenhum objetivo concreto, mas seu imaginário revolucionário assombrou e assombra novas gerações, possibilitando pensarmos uma sociedade mais libertária. Durante o artigo buscamos fazer uma análise de alguns dos cartazes pregadas pelas ruas de Paris, com base em conceitos Marxistas evocados pelos estudantes, para assim lançar luz acerca das ambiguidades dos acontecimentos históricos deste ano paradigmático.

REFERÊNCIAS

- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- MARX, K. **Introdução à crítica da economia política**. In: MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural, 1991
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política : livro I : o processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2017
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MATOS, Olgária. 1968: Paris toma a **palavra**. In: Maio de 68 A brecha. MORIN, Edgar;
- LEFORT, Claude; CASTORIADIS, Cornelius (Org). São Paulo: Autonomia literária, 2018
- MORIN, Edgar. **Maio de 68: Complexidade e ambiguidade** (1986). In: Maio de 68 A brecha. MORIN, Edgar; LEFORT, Claude; CASTORIADIS, Cornelius (Org). São Paulo: Autonomia literária, 2018

MORUS, Thomas . **A Utopia**. Nova Fronteira BVU – 2017.

RIDENTI, Marcelo. 1968: **Rebeliões e Utopias**. In: O século XX vol. II O tempo das dúvidas do declínio das utopias as globalizações. Org: Filho, Daniel, et al. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito (1903)**” [MANA, 11(2), 2005.